

Volta aos Trilhos

O ministro da Fazenda retoma com os bancos credores estrangeiros o fio de uma meada perdida pela extravagância e os objetivos demagógicos com os quais se decretou a moratória na dívida externa brasileira. Há condições para renegociar em bases próximas às do México as taxas de risco cobradas pelos empréstimos, e um novo prazo de 20 anos para o pagamento do refinanciamento oferecido pelos banqueiros, o que permitirá ao país respirar e reconstituir seu fluxo de caixa no balanço de pagamentos.

Enquanto isso acontece, e aos poucos volta a racionalidade do cenário das nossas contas externas, insistem os defensores da moratória em justificá-la ou em negar os tremendos prejuízos para o país, decorrentes do apetite político com o qual se lançaram na aventura.

É preciso entender corretamente o que aconteceu com o fluxo da poupança internacional. Mas, antes disso, deve-se notar a incoerência dos argumentos com os quais ainda hoje se tenta justificar a medida. Para que foi adotada a moratória, em resumo? Boa parte da retórica da época sugeria que o Brasil poderia recosturar suas relações financeiras internacionais, dando unilateralmente o murro na mesa.

Pela lógica dos extremos, muitos dos defensores da moratória chegaram a afirmar que a dívida era impagável, e no contexto de uma dívida impagável é que o Brasil devia se situar. Detrás, nos bastidores políticos, não estava apenas a suspensão temporária do pagamento de juros. Escondia-se a intenção da autarquia e do isolamento da economia brasileira em relação à economia internacional.

O ex-ministro da Fazenda, Dilson Funaro, com todo o respeito que se possa ter por suas convicções mais profundas, não poderá justificar a moratória quando a indústria desemprega maciçamente e as taxas que medem o nível de atividades registram uma queda de 0,7% nos doze meses passados. Para onde foram os investimentos que deveriam sustentar o nível de empregos e os índices agregados do desempenho industrial? Não terá a moratória, que afugentou os capitais e aumentou as incertezas,

contribuído para o baixo astral em que mergulhou a economia brasileira?

O que houve com a moratória, na verdade, foi um desastre de falta de sintonia com o que se passa no mundo. É certo que não se pode atribuir aos dois ou três anos passados toda a responsabilidade pelo excesso de endividamento, em lugar do investimento fixo. O Brasil se endividou com a Velha República, e afundou com a Nova, porque esta não soube resgatá-lo. Apenas lhe acelerou brutalmente os defeitos e males.

O mundo industrializado concentrou o fluxo financeiro na direção norte-norte, parando de investir na direção norte-sul, porque abaixo do Equador conseguimos transformar a maior e mais dinâmica das economias em uma cópia desastrosa das autarquias centralmente planificadas. Foi por isso que em 1987 tivemos nesta região (Hemisfério Ocidental) 98 milhões de dólares investidos em bônus, enquanto outras regiões em desenvolvimento abocanhavam 3,4 bilhões para seus lançamentos de títulos de longa maturação.

Ficamos, por má fé ou por ignorância, fora do fluxo financeiro internacional no momento em que as economias industrializadas embarcavam em amplos processos de liberalização. O *big bang* da Bolsa de Londres levou no ano passado bilhões de dólares para investimento em empresas inglesas. Na França, as autoridades abandonaram o sistema quantitativo de controle de crédito, e foram, também, beneficiadas com o influxo maciço de poupança. Na Alemanha, o Bundesbank convidou bancos estrangeiros a entrar nos consórcios de subscrição antes reservados ao fechado clube das 73 instituições locais. E até o arqui-superavitário Japão tomou emprestados 119 bilhões de dólares para complementar suas necessidades de giro financeiro.

O grande prejuízo, o mal devastador da moratória, terá sido mesmo a ilusão de que o Brasil poderia repetir um modelo à moda da ilha cubana, minimizando sua estatura continental e as fundações do otimismo necessário para crescer sem medo da cooperação estrangeira. O Brasil fez uma opção errada e desastrosa: optou pela pobreza, quando deveria ter optado pela riqueza.